

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Gobo (R.S.)

Class.: 297

Data 21 de setembro de 1980

Pg.: _____

Índios e florentinos: algumas analogias

Nunes Pereira. MORONGUETA (Um Decameron indígena). Editora Civilização Brasileira/INL — MEC. 2 vol. 840 pg. Cr\$ 600.

Em que sentido poderiam assemelhar-se o florentino da época do Renascimento italiano e o indígena brasileiro? Qual seria a analogia possível entre o ambiente requintadamente culto da Florença do século XIV e a Selva Amazônica? Durante mais de 40 anos viajando do litoral atlântico às encostas guianenses, através da Amazônia, o etnólogo brasileiro Nunes Pereira descobriu uma "analogia de conteúdo" entre esses dois mundos aparentemente tão distantes no tempo e no espaço. Assim é que, nesta obra, através de uma série de lendas, mitos e tradições reunidas pacientemente e amorosamente pelo autor, podemos finalmente ter a idéia do comportamento jovial, alegre, pilhérico, sarcástico e satírico do índio brasileiro em seu cotidiano. Através dessas características, ele fez a analogia com o florentino, do qual se dizia ter "o olhar penetrante e a língua maligna". E, constatando que a narrativa indígena era tão romântica, heróica, erótica, escabrosa, fescenina, obscena, com as novelas do "Il Decameron", de Boccaccio — obra-prima da literatura florentina do século XIV — o autor resolveu dar à sua obra o título de "Decameron indígena".

Porém, à medida que o livro foi tomando a forma de um legítimo espólio

cultural indígena, o autor sentiu a necessidade de dar-lhe um sonoro título indígena: "Morongueta", que em língua dos índios significa fábula, conto, história, notícia, relato. Ou, mais ainda, diálogo belo, conversa com palavras cheias de beleza, conforme explica M. Cavalcanti Proença em seu prefácio.

Em decorrência da formação complexa do autor, "Morongueta" é também uma obra completa. Antes de apresentar as narrativas, Nunes Pereira estuda a área cultural de onde se originam as lendas, descrevendo a fauna, a flora, o relevo, o clima, a economia, a ecologia, os antecedentes da conquista e a situação atual dos índios.

O livro é dividido em cinco partes, correspondendo a cinco áreas culturais, entre o Estado do Amazonas e o Território de Roraima, onde Nunes Pereira ainda encontrou como elemento humano preponderante o índio em progressivo estado de aculturação pelo contato com vaqueiros e extrativistas.

Misturando ciência e lirismo, esse "Decameron Indígena" vem evitar que chamemos de inferior aquilo que não conhecemos, como reclamava outro botânico de alta reputação, o Padre Arbelaez. Suas dúvidas são, ainda, revividas por Nunes Pereira, quando indaga: "Por que não procuramos conhecer e amar, humanamente, o índio?"

FERNANDA PEDROSA